

O INDIVÍDUO SEGUNDO A CARACTERIZAÇÃO KIERKEGAARDIANA EM CONTRAPOSIÇÃO AO INDIVÍDUO HEGELIANO

Valdinei Caes¹

RESUMO: Neste artigo, pretende-se abordar a caracterização do indivíduo na perspectiva kierkegaardiana, segundo as respectivas dimensões da existência, que, por sua vez, são especificamente encontradas cada qual numa obra. Em primeiro lugar, há a dimensão estética retratando a questão do prazer, localizada na obra *Diário de um Sedutor*; em segundo lugar, tem-se a dimensão ética, cuja questão primordial se refere à liberdade encontrada em *O Desespero Humano*, e por último, a dimensão religiosa, que diz respeito à questão da fé, sendo a obra de referência *Temor e Tremor*. Portanto, mediante estas três dimensões, em suas devidas explicitações, ter-se-á a caracterização do indivíduo kierkegaardiano. Por fim, cabe ainda ressaltar que Kierkegaard, não apenas deixou os preceitos das respectivas dimensões da existência, como também, vivenciou cada uma delas na intimidade de seu ser. Enfim, o objetivo maior é elucidar a caracterização do indivíduo por meio de tais dimensões para, posteriormente, apresentar uma contraposição à concepção de indivíduo exposta por Hegel.

PALAVRAS-CHAVE: Indivíduo, dimensões da existência, dimensão estética, dimensão ética, dimensão religiosa.

ABSTRACT: In this article we intend to address the characterization of the individual in Kierkegaard perspective, according to the respective dimensions of existence, which can be specifically found in his works. First, we have the aesthetic dimension revealing the issue of pleasure, it is found in the "The Diary of the seducer"; then, we have the ethical dimension, whose primordial concern is the freedom that can be found in "The sickness unto Death", and finally, the religious dimension, which concern is the faith and it is found "Fear and Trembling". Therefore, in view of these three dimensions, in their proper explanations, we will have the characterization of the Kierkegaard individual. Finally, it is worth noting that Kierkegaard left not only the precepts of the respective dimensions of existence, but also experienced each one in his own intimacy. At last, the ultimate goal is to elucidate the characterization of each of individual by these dimensions to provide a contrast to a conception of the individual exposed by Hegel.

KEYWORDS: Individual, dimensions of existence, the aesthetic dimension, ethic dimension, religious dimension.

1 Licenciado em Filosofia pela Faculdade Padre João Bagozzi. Especialista em Cultura e Meios de Comunicação pela PUC/SP e Mestrando em Filosofia Pela PUC/PR. Orientador: Jorge Luiz Viesenteiner.

1. O INDIVÍDUO NA DIMENSÃO ESTÉTICA

Nesta dimensão, o indivíduo vive segundo seu instinto, buscando sempre a beleza e a felicidade. No entanto, estas conquistas, quando alcançadas, não visam à perenidade, pois o esteta não almeja a vitória de uma conquista pela sua duração, mas pela quantidade de conquistas realizadas.

Aqui, o indivíduo busca sumamente sua realização nos prazeres efêmeros que a vida lhe dispõe. Disso decorre a sensação de que se pode tudo, o que não passa de uma simplória ilusão, na qual o predominante é somente o exterior, isto é, as coisas mundanas.

O apego às coisas mundanas é o predominante nesta dimensão. Por esta causa, o hedonismo², neste primeiro estágio é o princípio primordial caracterizador do indivíduo. O apego às coisas do mundo, pelo princípio estético, desvincula o indivíduo por completo das carências abstratas da vida. Isto o faz procurar o máximo de gozo possível, neste estágio. “Mas não se pode gozar, sem se poder sofrer, e a faculdade do gozo é a mesma que a da dor. Quem não sofre, também não goza, como não sente calor quem não sente frio.” (UNAMUNO, 1988, p. 122).

Sofrer é o preço que o esteta paga, inconscientemente, por ter o gozo, como modo de vida; mas, ele, enquanto se encontrar neste estado, o sofrimento não interferirá em nada no seu existir, pois só terá alguma interferência quando o mesmo se ver frente à necessidade de fazer a transição desta dimensão à esfera ética ou religiosa da existência para suprimir o sofrimento de viver sem almejar algo de futuro, pelo fato de prezar somente o presente. O importante é, evidentemente, para o esteta hedônico deleitar-se de suas conquistas, sem se preocupar em possuir o ser conquistado, pois, para tal o eminente é simplesmente conquistar.

² O hedonismo é definido como uma corrente que considera o prazer objetivo e imediato o único bem possível e supremo da vida. O pensador que formulou pela primeira vez uma tese explicitamente hedonista foi Eudoxo de Cnido e não Epicuro. No início do século IV a.C., ele considerava o prazer como sendo o bem supremo de todos os seres. Nesta mesma época também foi fundada a escola Cirenaica que se manifestou de maneira semelhante. Aristipo entendia por prazer uma qualidade positiva, uma forma de satisfação tranqüila regida pelos sentidos. Julgava também o prazer como algo fugaz. Além disso, dizia que o homem deve desfrutar do presente, pois só o presente a ele pertence real e verdadeiramente. A escola de Epicuro propunha um prazer moderado, único, capaz de evitar a dor. Ele seria aplicável tanto ao momento presente quanto às recordações ou à esperança. Portanto, o hedonismo é a corrente segunda a qual o prazer determina o valor ético da ação. Ao mesmo tempo, pressupõe-se que o homem, via de regra, age somente por motivo de prazer. Por fim, são defensores desta corrente Eudoxo, Aristipo de Cirene e Epicuro.

O diário demonstra também que, por vezes, era algo de totalmente arbitrário o que ele desejava, uma saudação, por exemplo, e por preço algum queria obter mais, por ser a saudação àquilo que a pessoa em questão possuía de mais belo. Com o auxílio dos seus dotes espirituais, sabia tentar uma jovem, sabia atraí-la a si, sem se preocupar com possuí-la, no sentido literal do termo... Posso imaginar como ele saberia conduzi-la ao ponto culminante em que tinha a certeza de ser ela capaz de tudo lhe sacrificar. Mas, tendo as coisas sido conduzidas até esse ponto, tudo rompia sem que, pelo seu lado, tivesse havido a menor constância, sem que uma só palavra de amor houvesse sido pronunciada e, muito menos, uma declaração de amor, uma promessa. (KIERKEGAARD, 1988, p. 05).

O fato de conquistar sem o interesse de possuir causa no ser conquistado imensa desarmonia consigo próprio, com a vida e com todos quantos a cercam. Em outras palavras, a paz deixa de existir em sua totalidade para tal.

Na obra *Diária de um Sedutor*, Kierkegaard elucida extremamente bem esta questão, quando se refere à Cordélia e Johannes, personagens principais. Johannes é o esteta e seu anseio é conquistar Cordélia, uma jovem já comprometida amorosamente, que vive com a tia nas proximidades de sua casa.

Primeiramente, ele tenta aproximar-se dela mediocrementemente, sem dar-lhe grandes expectativas, fazendo algumas perguntas simplórias às quais ela respondia indo além do mero enunciado emitido. Dessa forma, ele vai conhecendo-a aos poucos e, igualmente, aos poucos vai conquistando-a. Conquanto, Johannes em tão pouco tempo satisfaz seu anseio; Cordélia rompe seu noivado a fim de iniciar um novo com seu conquistador, Johannes. Mas, infelizmente ela era apenas mais uma a abrir mão daquilo que amava há tanto tempo, se autoludibriando por acreditar em promessas hipócritas, feitas por esteta.

Após o rompimento, na convicção de ampliar seus laços afetivos com Johannes, este a deixa em seguida sem o menor receio de pena ou dó; sem dizer-lhe se quer uma palavra que pudesse vir a consolá-la, deixa-a sem motivo algum e, sem dizer-lhe nada, completamente nada que justifique sua posição. “Ele agiu cruelmente para com ela, enganando.” (KIERKEGAARD, 1988, p. 07).

Cordélia está, portanto, sem paz por tentar reconciliar-se, mas sua consciência a acusa e a faz lembrar-se que o rompimento de seu noivado havia sido inteiramente de sua parte.

Também para a pobre Cordélia difícil será encontrar a paz. Ela perdoa-lhe, do mais fundo do seu coração, mas não encontra repouso porque a dúvida regressa; foi ela que acabou o noivado, foi ela a culpada da desgraça, foi o seu

orgulho que aspirou ao que foge ao banal. Ela arrependeu-se, mas não encontra repouso, porque os pensamentos acusadores a desculpam; foi ele quem, pela sua astúcia, lhe introduziu na alma tal projeto. (KIERKEGAARD, 1988, p. 07).

Nesta dimensão ou estágio da existência, resta apenas uma única certeza ao esteta, sendo esta a consequência de seu demasiado apego à exterioridade, às coisas do mundo, ou seja, à certeza da angústia.

Todo indivíduo está sujeito à angústia, sobretudo, o esteta, por gozar de plena liberdade e em função de seus interesses viver sem qualquer perspectiva de futuro.

Assim sendo, quando tal passa a ter os primeiros indícios de que vivendo somente acerca do fruir da dimensão estética, não o levará a ter a realização de seu existir e que a liberdade sem um encaminhamento visando perspectivas futuras é medíocre e angustiante. Tentando libertar-se da insignificância da liberdade efêmera que, por conseguinte leva à angústia, o indivíduo deixa de viver na dimensão estética adentrando na esfera ética da existência almejando dar um sentido a sua vida.

2. O INDIVÍDUO NA DIMENSÃO ÉTICA

Como se sabe, na dimensão estética o indivíduo atua de acordo com seu instinto à procura desinibida pelo prazer, pela beleza e pela felicidade. Antagonicamente, na dimensão ética ele deixa de agir sem refletir, pois, suas ações visam um fim com perspectivas de futuro; fato que no primeiro estágio não se é pensado devido à ação sem ter em vista algo de futuro, no entanto, almejando, em suma, uma conquista presente.

No estado ético, o homem vive segundo a razão, controla seus instintos e paixões, sujeita-se às leis e costumes, torna-se um homem responsável, ativo, realizador. O marido fiel, que recusa as fáceis aventuras e constrói para si e para os seus um lar sólido e confortável, é a imagem do homem ético. (NOGARE, 1988, p. 126).

Em contrapartida, o estágio estético gera o desespero, quando o indivíduo passa a ter consciência de que é necessário agir em conformidade para com um fim. Quando ocorre esta tomada de consciência, ainda no estágio estético supostamente dá-se início ao adentramento no segundo estágio, no qual as

ações do indivíduo não mais geram o desespero, mas sim a retidão, ou seja, a ação de acordo com um fim, vivendo-se com responsabilidade ativa. Neste mesmo sentido, dever-se-á frisar que as ações não levam o indivíduo ao desespero, mas as escolhas que as precedem, isto sim, levam-no a desesperar-se, embora, sempre buscando agir em coerência de si para com suas ações. Com este salto, isto é, com a passagem de uma dimensão à outra, após o reconhecimento de sua culpa, o indivíduo percebe que a vida não é simplesmente um vazio, e, que ela tem sentido, ao qual cabe a cada ser, em sua singularidade, a ela atribuir na decorrência de seus dias de existência. É neste instante que o homem tem a possibilidade de se libertar do estágio estético da existência e colocar os pés numa estrutura firme e ser verdadeiramente livre, afirmando-se como alguém que auto-afirma-se, sendo em sua totalidade possuidor de uma interioridade e também de uma exterioridade; alguém que tem um compromisso com o passado, vivendo o presente, sujeitando-se às leis e costumes, tendo consigo aquilo que o transpõe do estágio estético ao ético, ou seja, a perspectiva de um futuro, deixando para trás o fruir efêmero, visando, dessa forma, uma resolução de si próprio frente ao mundo e sua complexidade.

Entretantes, por tudo isso, é com evidência, que se pode afirmar que o estágio estético é dissolvido na dimensão ética, e, contudo, ambas anulam-se na religião, ou como queiram, na dimensão religiosa.

Sabe-se, contanto, que o indivíduo na dimensão estética vive desregradamente, buscando tirar do instante presente o máximo de conquistas efêmeras possíveis; contudo, quando tal toma consciência que isto só o levará ao desespero pelo fato de não viver em função de um futuro, decorre a passagem da primeira à segunda dimensão da existência, que é o estágio ético, na qual vive-se uma vida regrada. Nesta vida, em conformidade com as leis, o indivíduo passa a ter uma perspectiva de futuro adentrando-se no âmbito religioso.

A passagem do ético ao religioso, segundo Kierkegaard, encontra-se no episódio bíblico referente a Abraão e Isaac. Quando Deus exige de Abraão o sacrifício de seu filho Isaac, Abraão, dentro do nível ético, está diante da necessidade de cometer uma transgressão absolutamente proibida. Abraão não tem saída a não ser pelo salto do ético ao religioso. Em outros termos, Abraão deve saltar para a fé, aceitando o absurdo da existência divina e concordando com uma suspensão do ético, em favor do religioso. (KIERKEGAARD, 1988, p. XI).

3. O INDIVÍDUO NA DIMENSÃO RELIGIOSA

Nas duas dimensões anteriores, o indivíduo se consumia no contato com as coisas mundanas. Num primeiro instante, vivia-se segundo o deleite prezando o momento presente. Na segunda dimensão, o mesmo, ainda vivia sob a preponderância das coisas do mundo, porém, com uma diferença, ou seja, já não mais agindo desregradamente, pois todas suas ações eram de acordo para com um fim, sendo, por sua vez, consciente de seus atos e, no entanto, desesperando-se diante das escolhas que deveria fazer pra viver com retidão os instantes unitários de sua vida.

Quando há a necessidade de optar, isto é, de escolher algo que, porventura, virá a determinar os dias posteriores de sua existência, deve-se escolher na convicção de que a escolha feita será a melhor opção pela qual se deixou elevar. Enfim, defronte a isto, ou seja, ao fato de ter de escolher não existe outra coisa a fazer senão escolher, porque até mesmo deixar de escolher é, sem dúvida, uma escolha.

Na terceira dimensão, o indivíduo ainda está diante das coisas mundanas, mas em contato com o *Absoluto* por meio da crença, da fé e é isto que caracteriza esta última dimensão. Este fenômeno poderá ser observado com mais precisão na obra *Temor e Tremor* onde Abraão submisso à preeminência divina, recebe a solicitação de que deverá sacrificar seu filho para satisfazer a vontade de Deus. “E Deus pôs Abraão à prova e disse-lhe: toma o teu filho, o teu único filho, aquele que amas, Isaac; vai com ele ao país de Merija e, ali, oferece-o em holocausto sobre uma das montanhas que te indicarei.” (KIERKEGAARD, 1988, p. 113).

Abraão, homem temente a Deus, após ter recebido o ordenamento divino para sacrificar e não matar seu único filho, Isaac, em holocausto à divindade dirige-se ao ambiente que lhe foi indicado; em profundo silêncio, submetendo-se à prova extremada da crença no *Absoluto*, que, somente um homem cuja fé é o sentido mais profundo de seu existir, chegaria ao ponto de acreditar no *Absoluto*, ao qual sua fé o leva.

Isaac seria pelas mãos de seu pai, Abraão, sacrificado e não morto; entretanto por quê? Pelo fato dele, isto é, de Abraão se encontrar consumido pelo dever absoluto ao amor a Deus e, portanto, ausente das leis humanas, na qual a moral é regente. Por esta causa, ocorre a transposição do termo matar para o termo sacrificar.

Abraão é indubitavelmente crente, mas submetido à lei dos homens; tais o julgariam como um demente, por crer em demasia chegando a ponto de

sacrificar seu próprio filho. Ele, diante do julgamento dos homens não iria sacrificar Isaac e sim matá-lo.

Está explícito que todo o embate entre matar e sacrificar advém do confronto da moral com a fé. Pois, se a moral perante a fé não se anulasse, os homens, sem receio de dúvidas, poderiam julgá-lo por tal ato e, assim puní-lo. Ao contrário disso, ninguém o condenou, porque a fé começa exatamente onde a eficácia da moral não mais rege. “O dever absoluto pode então levar à realização do que a moral proibiria.” (KIERKEGAARD, 1988, p. 154).

Como se pôde observar, Abraão nitidamente suspendeu a moral ao se colocar disposto a sacrificar Isaac, se realmente fosse preciso, por acreditar no *absurdo*. Tudo isso, teve decorrência, evidentemente, pelo fato de Abraão ter se deixado consumir até a medula de seu ser pela fé. “Por ela, Abraão não renunciou a Isaac; por ela, ao contrário, obteve-o.” (KIERKEGAARD, 1988, p. 137).

Abraão, então, obteve Isaac pela mais íntima crença no *Absurdo*, isto é, em Deus, o qual submete-o, com certeza, à mais dura prova de seus dias de existência. E, bem no instante em que ele iria fazer a vontade de Deus, é-lhe emitido uma ordem emanada das alturas para que não sacrificasse a Isaac, mas que o substituísse por uma ovelha que se encontrava nas proximidades do local indicado.

Neste âmbito, vem-se concluir a última esfera ou dimensão da existência que Kierkegaard considera como caracterizadora do indivíduo em seu existir vívaz, pela qual, não necessariamente todos devam passar por ambas, isto é, pelas dimensões: estética, ética e religiosa. Portanto, segundo o exposto:

O indivíduo Kierkegaardiano é energia viva, ativa, autodeterminante, que surge a partir de situações concretas de opção, situações enraizadas nos momentos em que o homem focaliza todas as suas potencialidades numa opção que ressoará por toda sua vida. (GILES, 1975, p. 11).

Ao contrário, é o indivíduo hegeliano por ser considerado uma manifestação da consciência alheia e não um indivíduo existencial, que em si traz a fusão do existencial e do eterno.

4. KIERKEGAARD EM CONTRAPOSIÇÃO AO INDIVÍDUO HEGELIANO

A oposição em referência à concepção de indivíduo entre Kierkegaard e Hegel é nítida. Hegel, por sinal, quer enquadrar o indivíduo num sistema onde ele só é considerado um indivíduo autoconsciente quando o reconhecimento vir de um ser semelhante e, por sua vez, livre, pois senão, tal seria semelhante a uma coisa [objeto qualquer], fato o qual poder-se-á observar na *Dialética do Senhor e do Escravo: A Parábola do Processo de Humanização do Homem Enquanto Processo de Libertação*. Kierkegaard opõe-se diretamente a este princípio, porque o indivíduo existe segundo as esferas da existência, sujeitando-se às desavenças do meio em que se encontra e não submisso a um sistema do qual o outro é responsável pelo existir alheio, desconsiderando a singularidade de cada um na esfera de seu existir.

96

Hegel, na *Dialética do Senhor e do Escravo* tem como pressuposto que para o indivíduo tornar-se um indivíduo autêntico e consciente de si, deve romper com a dominação e se pôr na perspectiva de que irá obter o reconhecimento alheio para, então, existir com autenticidade.

O indivíduo singular deve percorrer igualmente, segundo o seu conteúdo, os degraus da formação do Espírito universal, mas como figuras já abandonadas pelo Espírito, como estágios de um caminho que já foi aberto e aplainado. Vemos assim, com respeito a conhecimentos que em tempos passados ocupavam o espírito amadurecido dos homens, que eles desceram ao nível de conhecimentos, exercícios ou mesmos jogos da idade juvenil, e assim se reconhecerá no progresso pedagógico, esboçado como numa silhueta, a história da cultura mundial. Esse existir passado é já uma propriedade adquirida do Espírito universal que constitui sua natureza inorgânica. Considerada a partir do indivíduo, a cultura consiste, segundo este modo de considerar, em que ele adquira o que se lhe apresenta, consuma em si sua natureza inorgânica e a tome como possessão sua. Considerado porém a partir do Espírito universal como substância, esse processo não significa senão que tal substância se dá a sua consciência-de-si e produz em si seu devir e sua reflexão. (HEGEL, 1980, p. 17).

Agora, porém, já sabemos qual é o fator principal e decisivo para que haja um reconhecimento de si próprio, isto é, do indivíduo, na esfera da totalidade, cuja abrangência é a universalidade.

Sendo assim, “a parte que cabe à atividade do indivíduo na obra total do Espírito só pode ser mínima”. Apesar disso, porém, Hegel tenta resgatar a dignidade do indivíduo, apregoada pelo cristianismo, concebendo-o como vocacionado para o ultrapassamento de si mesmo em busca de sua realização no Espírito Absoluto. (SOUZA, 1997, p. 44).

Na esfera total da universalidade, tem-se uma prioridade em relação ao indivíduo em referência ao outro, ou seja, unir o diferente, todavia, deixando prevalecer às diferenças, abrindo espaço para tal. Pois, é das diferenças que se origina o crescimento do indivíduo e o seu reconhecimento em atributo ao outro. É claro, quando este ganha conhecimento consciente de outrem sem o processo de coisificação, como está representado por Hegel na *Dialética do Senhor e do Escravo*.

Toda a vida humana é uma luta de conquista de sua subjetividade, o que só pode acontecer quando os homens, superando toda e qualquer perspectiva de coisificação, e se reconhecem mutuamente como seres iguais e livres e, assim, se constituem enquanto homens, ou seja, como seres essencialmente comunitários. O cerne de toda a vida humana está precisamente aqui: o indivíduo não é um ser pronto, mas em permanente autoconstrução. A vida humana é um processo de sua autoconstrução, que se faz como processo de conquista da liberdade. (OLIVEIRA, 1993, p. 183).

Sem o reconhecimento mútuo, o indivíduo não se constitui como tal na autoconstrução de si, como se pôde observar precedentemente. Por isso, o indivíduo não é indivíduo, mas se faz indivíduo no momento em que eleva a sua individualidade à universalidade. Em outras palavras, a autoconstrução do indivíduo é constituída dentro da universalidade, porém, partindo do indivíduo, em si particular, para atingir o universo da totalidade.

A individualidade não se constitui em contraposição à universalidade, nem se faz sem ela: o indivíduo só se afirma como tal no seio de uma comunidade de homens livres e iguais. Todo o processo é circular: parte do indivíduo e retorna a ele, mas no ponto de chegada temos o “indivíduo universal”, que, pela mediação de um processo conquista sua humanidade”. (OLIVEIRA, 1993, p. 185).

O processo de humanização é extremamente complexo e circular. Complexo pelo fato de envolver o reconhecimento alheio; circular devido ao

reconhecimento do indivíduo partir de si e se direcionar ao outro e, por fim, retornar ao mesmo. Sem este processo convergente, em meio a indivíduos livres, não há afirmação do indivíduo em si.

Na autonomia absoluta de sua auto-realização, no exercício em plenitude de sua liberdade, o Espírito – como autoconsciência que representa o retorno a si após o ultrapassamento de todas as mediações da negatividade e da inconsistência das coisas singulares do mundo - passa a se realizar como a única efetividade. (SOUZA, 1997, p. 41).

98 Ao se referir ao indivíduo livre, faz-se uma menção a um sujeito que, por sua vez, não tende a ser um ser coisificado, como ocorre com um escravo frente a seu senhor. Visto que o senhor não tem a autoconsciência e nem o reconhecimento de si, simplesmente por tais princípios vir de alguém coisificado, no caso, o escravo.

A exemplo disso, pode-se citar para melhor compreensão a seguinte situação: como pode vir de um livro o autorreconhecimento consciente sobre o sujeito, sabendo-se que, o único conhecimento advindo de tal é totalmente inconsciente. Pode-se obter o conhecimento desta coisa, mas não o reconhecimento da mesma, impossibilitando assim, o processo circular responsável pela autoconsciência. No entanto, fica nula toda a possibilidade de oscilação, do qual ocorre a auto-afirmação do indivíduo. Somente existe o ir ao encontro a afirmação de si, mas não há o tão necessário retorno oscilante, isto é, o sair de si e o retornar a si com o reconhecimento do outro.

Portanto, o escravo coisificado se assemelha à determinada coisa, na qual se emite um conhecimento acerca dele, mas por estar no estado de coisa fica indigno de emitir o reconhecimento, para haver a afirmação da autoconsciência.

Sua construção como autoconsciência medeia-se pela face-a-face com outra autoconsciência: a autoconsciência é fundamentalmente desejo de autoconsciência. O verdadeiro objeto do desejo da autoconsciência é a outra autoconsciência. Sob que forma? Sob a forma de desejo de “reconhecimento”: toda autoconsciência deseja ser reconhecida por outra autoconsciência. Seu destino é ser desejo de outro desejo. (OLIVEIRA, 1993, p. 189).

A autoconsciência é, sem dúvida, segundo Hegel um movimento que, necessariamente precisa de outrem para se originar. Sem isso, a consciência é meramente uma autonomia inútil e vazia, não tendo servidão útil para, completamente, nada.

Por essa razão, a autoconsciência é formada pelo reconhecimento de outra consciência livre, igualmente a mesma, do qual emitiu-se o conhecimento, cujo fim tem por finalidade última a recepção recíproca da consciência ao qual foi ao encontro. A reciprocidade é, aqui, compreendida igualmente ao processo circular já mencionado. Porém, este proceder só ocorrerá entre indivíduos iguais, livres; não entre senhor e escravo.

Cabe ressaltar, que ao direcionarmos-nos ao indivíduo escravo, estar-se-á reduzindo-se a uma coisa e nunca a um sujeito em alusão a *Parábola do Senhor e do Escravo*. Pois tal é oriundo de princípios dominantes, os quais são causadores de frustração na conquista da universalidade do indivíduo, por ter literalmente transformado o sujeito em coisa: no caso, o indivíduo em escravo. Não que o escravo deixa de ser um homem, isto é, um indivíduo; ele é, mas sem o conhecimento da outra consciência; fator responsável para tomar consciência de sua autoconsciência, ou seja, de seu existir enquanto indivíduo. Aqui, deve-se, categoricamente, considerar que o indivíduo precisa do outro indivíduo para poder ser indivíduo.

A transformação do escravo em coisa ocorre pelo trabalho; ele passa a ver-se no produto de seu esforço, não tendo assim, um reconhecimento, igualando-se a um objeto sem emissão de consciência, e isso causa-lhe a extirpação da possibilidade de se conhecer pela autoconsciência.

A consciência trabalhante contempla a si mesma no objeto produzido e, dessa forma, retorna a si como consciência de si. Com isso se quer dizer que o trabalho é a instância de mediação da autoconsciência do oprimido – é o produto como fim objetivado que leva a consciência trabalhante à intuição de seu próprio ser como autônomo. (OLIVEIRA, 1993, p. 193).

Todavia, o indivíduo só existe para si quando souber que foi conhecido pelo outro e para o outro. Uma consciência coisificada não propicia fundamentos para a autoconsciência. O reconhecimento só pode ocorrer no instante em que a outra consciência advir de um sujeito, jamais de uma coisa.

O senhor é o fim e a razão de ser da atividade do escravo, mas não conquista a humanidade, pois isso só é possível na perfeita liberdade e independência dos sujeitos que, pelo reconhecimento mútuo, constituem uma sociedade igualitária. (OLIVEIRA, 1993, p. 195).

Conquanto, pode-se dizer que toda a *Dialética do Senhor e do Escravo* quer nos mostrar, exclusivamente, que o indivíduo somente existe para si no momento em que for existente a outrem. Ele é o resultado do processo recíproco, ou seja, da saída de si em busca do reconhecimento do outro; quando conseguido, retorna novamente a si, tendo consigo a autoconsciência de si próprio na esfera da universalidade. Enfim, é contra este ato oscilativo que Kierkegaard se opõe, pois, para tal o indivíduo tem seu existir na sua singularidade isentando-se, portanto, de todo e qualquer sistema.

Sou homem, e como estranho não considero nenhum outro homem. Porque o adjetivo *humanus* é para mim tão suspeito como o substantivo abstracto *humanitas*, a humanidade. Nem o humano, nem a humanidade, nem o adjectivo simples, nem adjectivo substantivo, mas apenas o substantivo concreto: o homem. O homem de carne e osso, aquele que nasce, sofre e morre – sobretudo o que morre –, aquele que come e bebe e joga e dorme e pensa e quer, o homem a quem vemos e ouvimos, o irmão, o verdadeiro irmão. (UNAMUNO, 1988, p. 07).

É este, sem receio de dúvida, o homem, isto é, o indivíduo que Kierkegaard alega existir no sentido mais puro e singular da esfera da existência. “Em certo sentido, um homem é tanto mais homem quanto mais unitária [singular, único] for a sua actividade. Há quem na sua vida só prossiga um fim, seja ele qual for.” (UNAMUNO, 1988, p. 13). Totalmente antagônico a Hegel, pois, este diz que: “A individualidade não se constitui em contraposição à universalidade, nem se faz sem ela: o indivíduo só se afirma como tal no seio de uma comunidade de homens livres e iguais.” (OLIVEIRA, 1993, p. 185). É exatamente isto que o dinamarquês refuta, este enquadramento do indivíduo dentro de sistemas nos quais necessita do reconhecimento alheio para se tornar humano, algo que ele já é por excelência.

Homens de carne e osso, homens que nascem, sofrem e, ainda que não queiram morrer, morrem; homens que são fins em si mesmos, e não meios; homens que hão de ser o que são e não outros; homens, enfim, que buscam isso a que chamamos de felicidade. (UNAMUNO, 1988, p. 19).

Enfim, elucidado a contraposição referente à concepção de indivíduo entre Kierkegaard e Hegel, cabe, ressaltar subseqüentemente os fatores que, por sua vez, podem levar este homem, ou seja, este indivíduo sumamente humano ao desespero.

REFERÊNCIAS

HEGEL, G. **Fenomenologia do Espírito**. 2. ed. Tradução de Henrique C. de L. Vaz, Orlando Vitorino & Antônio P. de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

KIERKEGAARD. S. A. **O Desespero Humano**. Vol. III. Coleção Nova Série. Porto: Livraria Tavares, 1961.

KIERKEGAARD. S. A. **Diário de um Sedutor, Temor e Tremor & Desespero Humano**. 3. ed. Tradução de Carlos Grifo, Maria J. Marino & Adolfo C. Monteiro. Coleção Pensadores. São Paulo: Vozes, 1988.

OLIVEIRA, M. A. **Ética e Sociabilidade**. 2. ed. Coleção Filosofia. São Paulo: Vozes, 1993.

UNAMUNO. M. de. **Do Sentimento Trágico da Vida**. Tradução de Cruz Malpique. Lisboa: Antropos, 1988.